

## MOVIMENTO OPERÁRIO: A DESARTICULAÇÃO HISTÓRICA DE SUA ORGANIZAÇÃO DE CLASSE

Messias Gomes de Sousa<sup>1</sup>  
Helena de Araújo Freres<sup>2</sup>  
Jackline Rabelo<sup>3</sup>

### RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar os aspectos teórico-práticos do processo em curso de abandono das lutas e do enfrentamento por parte dos movimentos representantes das organizações sindicais da classe trabalhadora para assumir uma postura de submissão ou reafirmação do sistema capitalista vigente. Tendo a crítica marxista como perspectiva teórico-metodológica que norteia este trabalho, tecemos uma análise de tal processo levando em consideração os estudos de Lessa e Tonet (2012), Tonet (2014), Lessa (1995; 1999; 2012), Costa (2009, 2010), Netto e Braz (2010); Rio (2009), que, de forma objetiva e fundamentada, permitem-nos o correto entendimento sobre o atual processo de descenso do movimento de massas, a partir de uma análise do desenvolvimento histórico das ideias revolucionárias produzidas por Karl Marx e Friedrich Engels. Nessa direção, faremos um breve estudo de duas delas: o reformismo e o revisionismo da II Internacional somada ao exame da destruição da Revolução Russa pelo Stalinismo como forma de compreender o atual momento histórico de desmantelamento das organizações e da luta da classe trabalhadora. Em função desta análise, pretendemos reforçar a necessidade da retomada das ideias revolucionárias no cenário das lutas operárias como contraponto ao avanço do capital em tempos de crise estrutural.

**Palavras-chave:** Movimento Operário. Luta de Classes. Capital.

## MOVIMIENTO OBRERO: LA DESARTICULACIÓN HISTÓRICA DE SU ORGANIZACIÓN DE CLASE

### RESUMEN

Esta investigación tiene como reto hacer un análisis acerca de los aspectos teóricos y prácticos del abandono del enfrentamiento en las luchas por parte de los movimientos representantes de las organizaciones sindicales de los trabajadores para sojuzgarse al sistema capitalista vigente. Basados en la crítica marxista, elaboramos este análisis fundamentados en las investigaciones de Lessa y Tonet (2012), Tonet (2014), Lessa (1995; 1999; 2012), Costa (2009; 2010), Netto y Braz (2010), Rio (2009). Todos estos investigadores, de forma objetiva y fundamentada, nos permiten el correcto entendimiento acerca del actual proceso de caída del movimiento de los trabajadores, a partir de un análisis del desarrollo histórico de las ideas revolucionarias

<sup>1</sup> Graduando em Pedagogia pela Faculdade de Educação de Crateús da Universidade Estadual do Ceará (FAEC/UECE). E-mail: messiasgomes13@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora da Faculdade de Educação de Crateús (FAEC/UECE). Coordenadora do Curso de Pedagogia da FAEC. Membro da Direção Colegiada do Instituto de Estudos e Pesquisas do Movimento Operário (IMO/UECE). E-mail: helena.freres@uece.br

<sup>3</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora da Linha Marxismo, Educação e Luta de Classes (E-Luta), do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Ceará. Membro da Direção Colegiada do Instituto de Estudos e Pesquisas do Movimento Operário (IMO/UECE). E-mail: jacklinerabelo@uol.com.br

producidas por Karl Marx e Friedrich Engels. En esta dirección, haremos una corta investigación de dos de ellas: el reformismo y el revisionismo de la II Internacional sumadas al examen de la destrucción de la Revolución Rusa por el Stalinismo como forma de comprender el actual momento histórico de desmantelamiento de las organizaciones y de la lucha de los trabajadores. En función de este análisis, pretendemos reforzar la necesidad de la retomada de las ideas revolucionarias en el escenario de las luchas operarias para contraponerse al avance del capital en tiempos de crisis estructural.

**Palavras claves:** Movimiento Operario. Lucha de Clases. Capital.

## **Introdução**

Ao tratar de aspectos referentes a processos revolucionários, teorias, estratégias políticas, limites e desafios na construção de uma nova sociabilidade humana, analisamos os aspectos teórico-práticos do processo em curso de abandono das lutas e do enfrentamento por parte dos movimentos representantes das organizações da classe trabalhadora para assumir uma postura de submissão ou reafirmação do sistema capitalista vigente.

Para a construção deste trabalho, ressaltamos a importância da crítica marxista como onto-método, que, norteando este estudo, possibilita-nos tecer uma análise de tal processo, levando em consideração os estudos de Lessa e Tonet (2012), Tonet (2014), Lessa (1995; 1999; 2012), Costa (2009, 2010), Netto e Braz (2010); Rio (2009). Estes pesquisadores, de forma objetiva e fundamentada, permitem-nos o correto entendimento sobre o atual processo de descenso do movimento de massas, a partir de uma análise do desenvolvimento histórico das ideias revolucionárias produzidas por Karl Marx e Friedrich Engels.

Estes pensadores alemães, no ano de 1864, em Londres, participaram da organização da Associação Internacional dos Trabalhadores, posteriormente conhecida como I Internacional. Por meio dela, os trabalhadores, tendo Marx como referência, iniciaram um processo de construção de uma organização em nível internacional, que fosse capaz de conduzir as massas operárias à ideia da necessidade de tomar o poder político, de fundar um Partido proletário independente e de assegurar a união fraterna entre os operários dos diferentes países, fato explícito em um dos escritos de Marx para I Internacional, conhecido como *Mensagem Inaugural da Associação Internacional dos Trabalhadores*.

Considerando que nas ideias revolucionárias de Marx o trabalho assume o caráter de centralidade, conforme reafirmou Lukács em sua *Ontologia do Ser Social*, objetivamos, nesse momento de nossa exposição, analisar em breves linhas a relação que tem os diversos complexos sociais com o desenvolvimento da humanidade. E ao analisarmos estes processos

e complexos sociais, observamos que o trabalho é a categoria fundante do ser humano, ou seja, é a base para todo o desenvolvimento, produção e reprodução das relações sociais que o homem estabeleceu. Com isso, observa-se como um dos objetivos centrais dos estudos marxistas a análise do trabalho como elemento fundamental para os homens, pois o trabalho é a atividade por meio da qual estes homens produzem valores de uso necessários à manutenção de sua própria existência, satisfazendo necessidades que vão do estômago à fantasia, como põe Marx em *O Capital*.

Portanto, levando-se em consideração a afirmação anterior no que diz respeito ao trabalho, Lessa e Tonet (2012), fundamentados nas ideias de Marx recuperadas pelo pensador marxista húngaro Istvan Mészáros, colocam em evidência a dicotomia existente entre trabalho e capital, em que o primeiro se torna submisso ao segundo à medida que aliena o trabalhador em relação ao produto do seu trabalho, ao trabalho mesmo, a si mesmo e aos outros homens. E, nesse processo de desarticulação, por parte do capital, dos diversos complexos sociais da vida em sociedade e por ser o trabalho mantenedor da vida humana, percebe-se ao longo desta análise o poder devastador da dominação ideológica do capital. Este sistema, segundo Mészáros (apud LESSA, 1999), não é uma “‘entidade material’ [...] mas um modo metabólico fundamentalmente incontrolável de controle social. Ele surgiu na história como até o presente, de longe a mais poderosa [...] estrutura ‘totalizante’ de controle [...]”.

Sob este aspecto, os autores reafirmam o caráter nefasto e determinante para a continuação da vida humana na terra, como uma espécie de purgatório, se levar em consideração o que a sociedade construiu para apoiar-se frente às desilusões da vida cotidiana, onde toda a humanidade caminha a passos largos para a destruição de si própria. E para que não tenha este fim, deverá ter como perspectiva a destruição do capital, não restando alternativas ou meios termos senão a construção de outra sociabilidade humana que retome como princípio central a humanidade do homem, o único caminho possível.

É importante destacar que esta análise tem como fundamento a ideia de que:

[...] se queremos compreender o mundo em que vivemos, suas raízes históricas e o nosso presente, para que possamos construir um futuro em que os homens emancipem-se dos grilhões que eles próprios criaram, não há outra saída senão buscar, hoje acima de tudo, as razões que nos conduziram até aqui. E, para este percurso, a razão tem se mostrado uma ferramenta indispensável, apesar do que espalham aos quatro ventos os pós-modernos e irracionaisistas de todos os matizes (LESSA, 1999, p. 3).

**Trabalho: categoria central do ser social**

Ainda no decurso da análise, Lessa e Tonet (2012) destacam a posição de Marx com relação à centralidade do trabalho, entendendo-a como necessária para a compreensão das mais variadas categorias que se interpõem na produção e reprodução das relações sociais e da vida humana.

Inicialmente é importante compreendermos que “o trabalho, no sentido mais genérico, é o intercâmbio do homem com a natureza, através do qual ela é transformada para produzir os bens materiais necessários ao atendimento das necessidades humanas” (TONET, 2012, p. 52). No entanto, como sabemos, o desenvolvimento do trabalho pelo homem vai muito além da simples produção de bens materiais, mas constitui-se como um complexo processo por meio do qual o homem, ao transformar a natureza, transforma-se, numa relação de determinação recíproca. E é justamente por esta capacidade de transformar-se à medida que transforma a natureza para o atendimento das necessidades humanas que Marx defende a tese de que a natureza humana é essencialmente histórica, pois possui a capacidade de, no decurso de sua atividade, reconstruir-se continuamente.

Ainda sobre esta mesma concepção, vale ressaltar que:

[...] o trabalho, em alguma forma específica, permanece sempre como base de qualquer forma de sociabilidade. De modo que a superação de algum modo de produção, não importando como esta se concretize, implicará, sempre, como seu pressuposto, uma mudança na forma do trabalho. No caso concreto da superação do capitalismo em direção ao comunismo, a forma do trabalho que se constituirá na base material para esta nova sociabilidade é denominada por Marx trabalho associado. Uma forma de trabalho que se caracteriza por ser livre, consciente, coletiva e universal (TONET, 2012, p. 52).

Ocorreu, entretanto, que nas sociedades de classes o trabalho sofreu uma perversão, revelada no duplo caráter da mercadoria força de trabalho. Sob a lógica do capital, o trabalho foi transformado numa atividade produtora de mercadorias, em simples objeto para a reprodução e aumento do capital. Para o domínio do capital sobre o trabalho, os capitalistas constroem cotidianamente estratégias que contribuem para a perpetuação da ordem do capital, influenciando a superestrutura, que Marx caracteriza como sendo as instituições responsáveis pela organização da vida em sociedade e, por conseguinte, das relações estabelecidas no desenvolvimento do trabalho.

Neste sentido, essas estratégias ideológicas cumprem a função social de controlar a classe trabalhadora, que, “livre como um pássaro”, vê-se obrigada a trabalhar, subordinando-se a empregos em condições subumanas e com baixos salários, uma vez que o que é realmente

produzido pelo trabalhador concentra-se nas mãos de quem detém os meios de produção e o controle sob aquela atividade.

A partir daí, compreenderemos os reais motivos pelos quais a burguesia e seus teóricos buscam a todo custo colocar sempre em evidência os descaminhos tomados pela Revolução Russa de 1918 e pela II Internacional, criando a ideia de que não há possibilidade de se construir uma proposta coletiva de sociabilidade e que o futuro está fadado ao capitalismo. Enfatiza-se, dessa forma, a centralidade da luta pelo poder através da política, encaminhando a humanidade a centrar forças nos debates sobre a política, que de forma superficial busca esconder o poder imposto pelo capital representado pela burguesia que é quem realmente detém o poder em nossa sociedade, para, assim, controlar e perpetuar a ordem vigente.

Sobre esta questão, podemos observar que:

Ao centrar a luta no campo da política – incluindo aí as lutas desenvolvidas no âmbito da economia, já que elas nunca seriam dirigidas à contestação radical da ordem social vigente – a classe trabalhadora aceitou que a disputa se limitasse apenas a questões internas ao modo capitalista de produção, deixando de lado o seu objetivo específico, que é a superação do capital. Ao não contestar, na sua lógica mais profunda, nem o capital, nem a sua força política, que é o Estado, a classe trabalhadora viu-se desarmada, política e ideologicamente, porque, não importa quais sejam os seus ganhos parciais – hoje cada vez mais magros – ela sempre pagará os custos da reprodução dessa ordem social e jamais poderá resolver plenamente os seus problemas (TONET, 2012, p. 59).

Como vimos, ao desarticular a luta por um projeto maior de sociedade, a burguesia nos mostra como alternativa o embate político, articulando todas as outras categorias da vida social à sua lógica, de modo que se geram várias contradições, como a propagação da ideia de que se não se pode conhecer a realidade existente, portanto, restar-nos-ia a possibilidade de nos preocuparmos com microrrealidades, impossibilitando de todas as formas um avanço significativo na compreensão de mundo dos seres humanos, à medida que tem como pressuposto a manutenção do véu que encobre toda a problemática citada anteriormente.

Contra essa ideia, é necessário compreender os erros que o movimento operário cometeu, tendo em vista a defesa de que o horizonte da luta é por uma sociedade para além das amarras do capital. É evidente que, enquanto vivermos numa sociedade sob a lógica do capital, a luta pelo imediato, pela sobrevivência física, é de suma importância, pois é necessário primeiramente viver para depois fazer história, como disseram Marx e Engels na obra *A Ideologia Alemã*. Entretanto, o problema posto é que:

[...] a classe operária foi perdendo o horizonte revolucionário, deixando de assumir o seu protagonismo como inimiga radical do capital e pautando as suas lutas apenas

por melhorias pontuais, que não questionavam a ordem social capitalista. A classe operária foi sendo educada para a negociação e não para a revolução. Além disto, ela foi educada no sentido de respeitar o Estado e a legalidade democrática, conduzindo todas as suas lutas nos limites estabelecidos por esta ordem (TONET, s/d, p. 7)<sup>4</sup>.

Vale ressaltar que esta situação de abandono do confronto foi construída por longos anos e advém das contradições históricas postas ao Partido Comunista da União Soviética, fato este bastante esclarecedor nos escritos de Ivo Tonet, ao elaborar uma análise histórica onde explica os motivos de o Partido Comunista – e por que não de todo o movimento comunista internacional que o tinha como referência – ter optado pela conciliação entre as classes, objetivando a existência “pacífica” do capitalismo, a ser teoricamente democratizado para todos os povos. Ademais, dentre aqueles que construíam e davam a direção do Partido Comunista Russo, alguns dirigentes defendiam a ideia de que a classe trabalhadora dos demais países por si só deixariam o sistema capitalista de lado e tomariam como referência o comunismo. No entanto, Tonet (s/d) demonstra os motivos históricos pelos quais a classe trabalhadora e o próprio Partido Comunista foi sofrendo derrotas no campo ideológico, pois há anos estava em curso o processo do reformismo que, sabemos, não transforma as relações sociais e tem apenas como perspectiva manter a ordem vigente com alguns “retoques”.

E sem uma prática cotidiana que fosse capaz de estabelecer a crítica ao sistema vigente, muito menos as deformações em curso durante a ascensão do comunismo na União Soviética, já no contexto do pós-segunda guerra, pouco a pouco o proletariado foi perdendo a teoria revolucionária como elemento importante na sua constituição, passando a defender apenas o que estava em curso na sociedade capitalista que tomava cada vez mais espaço, pois, apesar de se mostrar “democrática”, possui um caráter ideológico muito forte e centralizador, à medida que gerencia todos os aspectos da vida do indivíduo, através do monitoramento de suas ações no intuito de atender às suas “necessidades”<sup>1</sup>, ao desenvolver produtos e modos de vida que, para a maioria da população que não tem acesso ao conhecimento científico, é uma possibilidade de se viver como a burguesia, usufruindo da riqueza produzida pretensamente pelo conhecimento, criada supostamente para que todos tenham acesso aos bens de consumo e possam ter uma melhor qualidade de vida. Assim, ressaltamos que:

[...] os processos alienantes que brotam do capital têm sua “eficácia” objetiva potencializada pela sua “eficácia” subjetiva: os indivíduos, ao agirem na vida cotidiana, objetivam valores, escolhas – teleologias, enfim – compatíveis com a ordem burguesa. Desconsideram ou colocam em segundo plano as necessidades e

<sup>4</sup> TONET, Ivo. **O grande ausente**. Texto acessado em 10 de julho de 2014. Disponível no sítio eletrônico [http://www.ivotonet.xpg.com.br/arquivos/O\\_grande\\_ausente.pdf](http://www.ivotonet.xpg.com.br/arquivos/O_grande_ausente.pdf)

possibilidades autenticamente humanas em favor das necessidades e possibilidades de reprodução do capital (LESSA, 2012, p. 37).

Como vimos, aos poucos a classe trabalhadora foi se integrando à ordem do capital, abandonando o horizonte revolucionário para assumir o horizonte do capital, passando a vislumbrar o socialismo como objetivo final, porém supostamente construído através de concessões e deixando de lado o conflito social existente e necessário. Com o abandono da centralidade do trabalho, a classe operária aos poucos foi se envolvendo nas lutas imediatas e se acomodando frente às conquistas obtidas à custa do processo de conciliação de classes que demonstrou ter efeitos extremamente negativos para as lutas da classe trabalhadora ao diminuir as perspectivas de um processo revolucionário posterior.

Dentre essas raízes que conduziram o gênero humano até o nosso tempo atual, no qual os grilhões criados sob a lógica do capital enclausura grande parte da humanidade num nível muito próximo à animalidade e empurraram os trabalhadores para o dismantelamento de sua própria organização, faremos um breve estudo de duas delas: o reformismo e o revisionismo da II Internacional e a destruição da Revolução Russa pelo Stalinismo.

### **A II Internacional: o reformismo e o revisionismo como estratégias de dismantelamento da organização de classe**

A I Internacional constituiu-se como o alicerce para a organização dos ideais de transformação radical da sociedade pela classe trabalhadora e pela construção de uma base teórica que fundamenta as lutas de classes travadas nos períodos históricos posteriores. Com importantes nomes que se tornaram referência no mundo inteiro, dentre eles, o principal é o de Karl Marx, a Associação Internacional dos Trabalhadores mobilizou as massas e possibilitou sua formação tendo em vista um projeto de sociedade construído pelos e para os trabalhadores.

Após o fim da I Internacional, que ocorreu em 1876, iniciou-se, no ano de 1889, o processo de organização da II Internacional, que também era constituída por diversas organizações e teorias que divergiam entre si, caracterizando-se como uma associação livre de partidos social-democratas e trabalhistas, integrada tanto por elementos revolucionários quanto reformistas. No decorrer do processo e frente aos inúmeros embates enfrentados pelos revolucionários na época, o debate teve como questão central a participação ou não da classe

trabalhadora na guerra que demonstrava ser iminente, dividindo o operariado e criando profundas divergências internas no seio da II Internacional:

[...] nos anos que precederam o início da I Guerra Mundial, a Internacional Socialista e o movimento operário educaram e mobilizaram as massas trabalhadoras contra as ameaças da guerra imperialista. A corrida armamentista, a multiplicação dos “conflitos” locais e o agravamento das disputas entre as potências imperialistas indicavam a iminência da guerra. A Internacional, de acordo com a tradição operária e marxista, lembrava aos trabalhadores de todos os países que seus interesses eram comuns e que não se subordinassem aos conflitos entre suas classes dominantes ao redor da partilha dos lucros arrancados aos proletários e aos povos colonizados do mundo (COSTA, 2010, p. 6).

Posterior à organização da II Internacional, à deflagração da guerra e à iminente invasão dos países em conflito, a organização da Internacional Operária e Socialista passou por um processo intenso de discussão sobre que posição assumiriam os trabalhadores diante de tal situação. No decorrer do processo, em 1914, os social-democratas decidiram por apoiar as burguesias nacionais com o discurso de defesa do país contra a invasão das tropas estrangeiras. De acordo com Costa (2010, p. 06), “segundo os dirigentes socialistas alemães e austríacos, o objetivo era derrotar o ‘absolutismo czarista’ para resguardar a liberdade dos povos”.

No decorrer deste processo de apoio por parte da maioria das organizações da II Internacional, os trabalhadores se viram condicionados a uma série de subordinações e subserviências à classe burguesa nacional em nome do patriotismo defendido por setores que outrora defendiam o internacionalismo como forma de superar a opressão vivenciada pelos trabalhadores do mundo.

Advém deste período, portanto, a onda de reformismo e revisionismo que marcou a organização da II Internacional. Esta, por sua vez, tomou rumos que possibilitaram o desmantelamento e a desorganização interna da classe trabalhadora, com efeitos nefastos sobre a histórica organização da classe e do movimento operário. Ao assumir a perspectiva reformista e revisionista, os trabalhadores passaram a submeter-se às imposições da classe burguesa, assumindo, por conseguinte, a perspectiva da rendição (LESSA, 2012). O debate sobre a transformação radical da sociedade sob o comando dos trabalhadores deixou de ser o principal objetivo, assumindo a via parlamentar como a possibilidade de a classe trabalhadora tomar o poder, não vislumbrando, dessa forma, a possibilidade de derrubada do Estado, constituído por grandes empresas e nichos de poder que os imperialistas concentram até os dias de hoje.



### **As lições históricas da Revolução Russa: da ascensão à queda do movimento operário russo**

Ao longo dos escritos de Lessa (2012), Lessa e Tonet (2012) e Costa (2010), que tratam das questões referentes à construção dos processos revolucionários durante os séculos XIX e XX, especificamente na Rússia, observamos que há inúmeras contradições vivenciadas naquele período onde a práxis revolucionária pôde finalmente ser colocada em prática até ser execrada pelo stalinismo. No entanto, para que a revolução acontecesse, foram realizados embates ideológicos entre as diversas organizações que congregavam a classe trabalhadora em torno de proposta de mudanças e/ou alternativas que possibilitariam a transformação das condições de vida do proletariado. Assim como nos diversos períodos históricos, havia setores mais moderados, que buscavam na conciliação entre as classes a solução para o conflito existente entre as mesmas, sendo representados, por exemplo, pelos que se intitulavam social-democratas e pelos socialistas utópicos.

Dizendo de outra maneira, no final do século XIX e início do século XX, as ideias revolucionárias tiveram a possibilidade de se concretizar a partir das lutas da classe trabalhadora, principalmente na Rússia, onde, sob a organização de diversos partidos e organizações de trabalhadores, realizaram um importante levante revolucionário contra o regime czarista, que, mesmo passando por inúmeras dificuldades de articulação e frente a um profundo embate de ideias no seio da própria revolução russa, conseguiu rumar, mesmo temporariamente, para a construção do comunismo. Nesse entremeio, houve inúmeras contradições até então teorizadas, mas nunca antes vivenciadas, que tiveram como centralidade a perspectiva do reformismo, advindo inclusive do poder do Estado “revolucionário”, que, burocratizado, aos poucos foi se tornando o poder central, estando acima e não mais pertencente à classe trabalhadora. Neste sentido, os diversos autores que tratam das experiências e dos embates históricos vivenciados antes, durante e após a revolução russa, evidenciam o caráter reformista subsequente à ascensão da classe trabalhadora. Em contraponto, havia os setores mais revolucionários, que eram conhecidos dessa forma por terem como objetivo a transformação radical da sociedade, levando a cabo a destruição do capital e a construção de uma nova sociedade, onde os valores humanos se sobressaíssem em detrimento dos valores capitalistas, que por si só se mostram desumanos.

Assim, sob este emaranhado de afirmações teóricas, a classe trabalhadora vivencia períodos de degradação da sociabilidade humana pelo capital, que nesta época explicitou ainda mais seu caráter destruidor e desumano com a inconsequente I Guerra Mundial, provocada pela “corrida armamentista, a multiplicação dos ‘conflitos’ locais e o agravamento das disputas entre as potências imperialistas” (COSTA, 2010, p. 10), relegando à classe trabalhadora o papel de mera subserviente à ordem imposta pelos imperialistas que controlavam e determinavam os rumos da guerra e lucravam com a inúmera quantidade de bens destruídos, tendo em vista que ao passo que proporcionavam o enfrentamento entre as potências imperialistas, ainda colocavam para a sociedade a necessidade de adquirir material bélico através do qual eles mesmos se beneficiavam. Com isso, acirram-se os embates entre as diversas correntes de pensamento russo.

Apesar de tudo e possivelmente devido a este caráter explícito dos males do capital, também devido às ideias revolucionárias na época e à efervescente criação de teorias em sua maioria críticas e fundamentadas nos estudos de Marx, a sociedade da época construiu inúmeros processos revolucionários de busca da autonomia da classe trabalhadora através do enfrentamento direto, objetivando a derrubada do capital e a construção de nova alternativa de sociedade, para além do jugo do capital sobre a humanidade.

Sobre este aspecto, observamos que:

Durante todo o século 19 e metade do século 20, esta potência alienante do capital foi enfrentada por sucessivas revoltas e revoluções dos assalariados, algumas vezes liderados pelo proletariado. A cada evento de luta de classes mais direta, aguda e intensa, o caráter desumano, alienado, do capital era trazido à tona, tanto teórica quanto praticamente. [...] Mesmo derrotas cumpriam o papel de evidenciar o caráter desumano, alienado, da ordem social burguesa (LESSA, 2012, p.33).

Dessa forma, a classe trabalhadora russa – formada basicamente de camponeses que, atendendo às necessidades da burguesia industrial, tornavam-se operários – foi se estruturando e construindo a crítica sobre o sistema em curso que oprimia e que estava levando a um estágio de degradação cada vez mais intenso da vida humana.

Apesar dos embates ideológicos e através de um longo processo revolucionário que perdurou por muitos anos, em 1918 o proletariado da Rússia assume o poder no país. A partir daí, observamos um período histórico crucial para a humanidade, onde a teoria marxista teve a possibilidade de se constituir como base fundamental para a produção de um novo conhecimento, que instaurou uma nova forma de fazer ciência e filosofia.

No entanto, apesar dos esforços dos diversos militantes comunistas, tendo Lênin como uma das referências, o embate entre o praticismo, contra o qual o próprio Marx lutara, e a práxis revolucionária passa a fazer parte do cotidiano do movimento que pouco a pouco se torna burocratizado e, sob as ordens de Stálin, transformou-se em um Estado que, não permitindo que a análise crítica seja feita sobre as ações e as novas práticas sociais até então desenvolvidas, acaba perdendo o caráter de classe, iniciando um processo de conciliação e consequentemente de reprodução das velhas relações sociais que outrora haviam sido desconstruídas.

Com isso, todo o processo de desconstrução, construção e reconstrução das relações sociais e do modo de produção vivenciado durante alguns anos na Rússia é tido como uma experiência fundamental para as próximas gerações. No entanto, após o subsequente descaminho da revolução, o capital se fortaleceu e aos poucos foi criando novas formas de se estabelecer como determinante para a vida humana e a perspectiva de um processo revolucionário que busque analisar criticamente a raiz do problema para que possa transformá-lo radicalmente vai ficando cada vez mais distante.

E este fato concreto atualmente é colocado em prática pela ideia da conciliação entre as classes sociais em curso na sociedade que, ao perder a perspectiva da revolução, alguns autores e militantes ditos de esquerda (não mais “revolucionários”, tendo em vista o caráter reformista) acabaram objetivando a criação de alternativas para que algum dia o capital se humanizasse e criasse condições para que a sociedade se desenvolvesse. No entanto, em contraponto a esta ideia, é afirmado que:

[...] pela mediação das classes sociais (na enorme maioria das vezes) consolida-se uma concepção de mundo de tal forma alienada que faz do capital muito mais do que o único futuro aberto à humanidade: faz do capital algo idêntico à humanidade. Ser humano e ser burguês passam a ser sinônimos, com todas as profundas consequências daí advindas para a luta de classes e para a potencialização do poder de dominação da burguesia. (LESSA, 2012, p. 37)

Daí advém as contradições do abandono da centralidade do trabalho para assumir a perspectiva da centralidade da política. Tonet (2012) nos revela alguns dos entraves para o desenvolvimento da consciência da classe trabalhadora, de modo que tenha como horizonte a transformação radical da sociedade sob as amarras do capital, tarefa precípua do trabalho, vale reiterar.

**O avanço do domínio do capital e a necessidade da retomada das idéias revolucionárias**

No decorrer da análise crítica a respeito da organização social atual, fundamentamos nossos estudos a respeito da crise em que vivemos a partir da compreensão dos autores que nos trazem diversos elementos que compuseram esta pesquisa.

Ao conhecermos as diversas teorias que fortalecem o avanço do sistema atual como contínuo e único, percebemos as teorias pós-modernas da subjetivação como algo central na sociabilidade humana. Para os autores pós-modernos,

[...] nossa existência teria sido dissolvida em um caldo societário no qual apenas a singularidade, o parcial, o momentâneo teria qualquer realidade em-si. Todo o resto, inclusive as articulações entre o passado, o presente e o futuro não passariam de mera projeção subjetivista de nossa ânsia por uma “razão histórica”. Nunca houve, segundo eles, nada semelhante à continuidade histórica; esta seria mera ilusão resultante de nossa dificuldade afetiva em conviver com a fragmentação do tempo (LESSA, 1999, p. 1).

A partir desta análise, percebemos algumas contradições como o caráter subjetivista das ideias, que, para os pós-modernos, não passariam de mera ilusão. No entanto, Lessa (1999, p. 2) exemplifica que

Desta perspectiva pós-moderna, nossos destinos enquanto indivíduos e enquanto seres humanos nada mais seriam que nossas lembranças do passado e nossos desejos para o futuro: tanto as primeiras, quanto os últimos, enraizados na forma como nossa subjetividade dirige “seu olhar” o real. Projetamos a objetividade do real segundo nossas recordações e nossas carências: e como recordações e carências possuem raízes no inconsciente, este termina por ser eleito como um dos pilares da construção da objetividade do mundo em que vivemos. Ironicamente, terminamos retornando à velha concepção segundo a qual há uma natureza humana que determina a história.

Esta afirmação torna-se o ponto central de nossa discussão neste tópico, uma vez que ao tornarem-se pouco a pouco absolutos, o praticismo e o supérfluo advindos das ideias pós-modernas atuais carregam em si algumas contradições, já que tudo é visto como produto imediato, sem qualquer relação com o passado e sem levar em consideração quaisquer possíveis consequências no futuro ou mesmo sem refletir que tipo de sociedade estamos construindo e o que está por trás de nossa prática social.

Dessa forma, o capital aos poucos vai se entranhando na sociedade atual, onde a partir do modo de vida eurocêntrico e mais recentemente do norte-americano, as relações próprias do mundo ocidental criadas pelo capitalismo vão se “globalizando” (que levado no próprio sentido da palavra, está tomando conta do globo) e construindo um ambiente cada vez mais dependente de grandes economias capitalistas como os Estados Unidos, que exploram

boa parte das reservas naturais de todo o mundo para produzir bens materiais que, como vimos anteriormente, não têm o intuito de atender às necessidades humanas, mas de garantir que o capitalismo continue gerando lucros exorbitantes em detrimento da própria existência humana.

A partir das análises feitas, percebemos a gravidade e a dimensão do problema que estamos gerando no decorrer de nossa vivência, que, além das crises cíclicas, o homem está se distanciando de sua essência humana, transformando-se em mero objeto a serviço do capital, consumindo e produzindo de acordo com as leis de mercado, onde o próprio termo já nos dá a dimensão de quem realmente detém o controle.

Concomitante a isso, os que se levantam contra a ordem imposta são rechaçados e caracterizados como incapazes de se “adaptar” ao momento atual que exige do homem a capacidade de se desprender de todo o seu processo histórico e viver o hoje. Entretanto, é justamente aí que o sistema capitalista através de suas grandes corporações se aproveita para lançar-se como única forma de produção e existência na terra, ao propagar uma vida de comodidade e entretenimento, onde o proletário, mesmo explorado, terá a oportunidade de usufruir a riqueza que durante certo período o capitalismo pode produzir de “melhor”, os mesmos bens materiais que a burguesia sempre usufruiu. Além do mais, a classe burguesa sempre objetivou ter uma vida onde esta estivesse sempre na organização do processo de construção da sociedade e suas estruturas sociais, não abrindo mão de nenhuma forma de sua estratégica maneira de liderar a reprodução do conhecimento socialmente produzido, tendo em vista que para manter-se no poder é necessário controlar todas as esferas sociais a fim de construir de acordo com seus interesses o processo histórico vivenciado pela humanidade.

Toda esta problemática nos leva a compreender os reais motivos pelos quais os autores explicitam que vivemos sob a ordem do capital, seguindo a ideologia imposta por sua estrutura de poder que cotidianamente nos induz ao consumo e às suas leis:

Ao transformar tudo em mercadorias, ao absorver todas as práxis sociais no círculo vicioso da sua totalidade, ao subsumir as necessidades humanas à sua própria autorreprodução ampliada — o capital se constitui em uma *causa sui* essencialmente desumana, alienada, destrutiva. Se, em períodos históricos anteriores, essa sua essência totalizante possibilitou ao capital exercer um papel revolucionário, libertando a humanidade do *Ancien Régime*; hoje, quando o sistema do capital se aproximaria de seus “limites absolutos” (448), ela explicitaria plenamente a sua essência destrutiva (LESSA, 1999, p. 7)

Sob este sistema, a humanidade vai se reproduzindo e construindo os alicerces sociais e culturais, que sem uma compreensão mais ampla do todo, não consegue vislumbrar

possibilidades de mudança. O proletariado segue, portanto, lutando individualmente para garantir seu lugar ao sol, vivendo sob a lógica do capital e da pós-modernidade onde as relações de trabalho são totalmente imprevisíveis, devido, por exemplo, aos esforços empreendidos pela burguesia e seus governos no sentido de terceirizar e tornar o trabalhador cada vez mais dependente e instável, regredindo nos direitos trabalhistas conquistados anteriormente, que garantiam minimamente uma estabilidade nas relações de trabalho que exerce.

Por conseguinte, sob este quadro de descompasso do proletariado rumo a um futuro obscuro, onde os ditames do capital se sobressaem em relação à organização e à mobilização da classe trabalhadora, devemos visualizar como única possibilidade de mudança a construção de um processo revolucionário que inicie a partir da compreensão teórica da práxis revolucionária defendida por Karl Marx, em um processo de retomada da base teórica a que chamamos de marxiana, tendo como intuito forjar novas produções intelectuais que levem em consideração as deformações ocorridas durante os períodos em que ocorreram processos revolucionários na tentativa de transformar a sociedade e em busca da construção do socialismo.

O passo a ser dado deverá ter como fundamento a crítica à sociedade capitalista tendo em vista o caráter radical, “evidenciando sua historicidade e sociabilidade, sua origem, sua natureza, suas insanáveis contradições, sua intrínseca desumanidade e sua incapacidade absoluta de se tornar uma autêntica comunidade humana” (TONET, 2009, p. 4).

### **Considerações Finais**

Diante do exposto, a pesquisa nos leva a conhecer as reais dimensões que implicam no desenvolvimento da humanização no homem, elucidando o que está por trás de todo o processo histórico que vivenciamos nos últimos séculos, assim como expõe a necessidade de se ter como base teórica o marxismo que durante séculos teve inúmeras interpretações e práticas muitas vezes incompatíveis com a proposta elaborada por Marx. Sob este aspecto, é importante observar que:

[...] o resgate do caráter radicalmente crítico e radicalmente revolucionário do pensamento de Marx é uma tarefa absolutamente fundamental para a fundamentação sólida e conseqüente da alternativa socialista. Mais ainda em um momento em que os acontecimentos históricos e a realidade cotidiana parecem desmentir inteiramente essa possibilidade. [...] O ser social, ainda que mantendo a sua insuprimível vinculação e intercâmbio permanente com a natureza, é resultado da sua própria

atividade. Vale dizer, que ele é radicalmente histórico e social. É o que Marx faz quando identifica o trabalho como a categoria que funda o mundo social e a partir da qual – em dependência ontológica, autonomia relativa e determinação recíproca – nascem todas as outras categorias e se configura a totalidade da realidade social (TONET, 2009, p. 4)

Dessa forma, a classe trabalhadora e mais especificamente o operariado em si, passou por um processo histórico que encobriu tal compreensão a respeito da centralidade do trabalho, levando-a a identificar como objetivo central da vivência humana as práticas e modo de vida burguês que, sob a ótica do capital, visa desvincular-se, mesmo que de forma fetichizada, do ato de trabalhar, de produzir seus próprios bens materiais, vislumbrando construir uma sociedade na qual o capital seja o centro de todas as relações. No entanto, como analisado no decorrer da pesquisa, o trabalho constitui-se como atividade inerente do ser humano, através da qual ele constitui-se como ser, fato que nos revela a impossibilidade de sua abolição. Será, pois, através do mesmo que poderemos construir um novo tipo de sistema social. O movimento operário, portanto, tem de estar atento a esta questão fundamental para o devir humano, compreendendo toda esta relação de dependência, além da reflexão do embate histórico, para assim, organizar-se e constituir-se uma possibilidade real de transformação social.

Sabemos, portanto, que atualmente a lógica do capital, embasada nas teorias pós-modernas, contribuiu para o agravamento da desarticulação da classe trabalhadora e principalmente do movimento operário. No entanto, ressaltamos como horizonte de transformação a apropriação da teoria marxiana que atualmente torna-se fundamental para compreendermos o sistema social atual e pensarmos na construção de um processo revolucionário tendo como base o viés marxista.

## **REFERÊNCIAS**

COSTA, Frederico. *A revolução russa: vitória, degeneração e resistência*. Revista Eletrônica Arma da Crítica, Ano 2, nº 2, 2010.

COSTA, Frederico Jorge Ferreira. *A natureza ontológica do pensamento de Marx*. Revista Eletrônica Arma da Crítica, Ano 1, nº 1, 2009.

LESSA, Sérgio. *Crítica ao praticismo revolucionário*. Revista Práxis, nº 4, p. 35-64, Belo Horizonte, 1995.

LESSA, Sérgio. *Da contestação à rendição* in: Trabalho, educação e formação humana frente à necessidade histórica da revolução. Edna BERTOLDO, Luciano Accioly Lemos MOREIRA e Susana JIMENEZ (Orgs.). Instituto Lukács, São Paulo, 2012.

LESSA, Sérgio. *Em contratempos de obscurantismo*. Revista Inscrita, CFESS/RJ, v. 5, p. 45-6, Rio de Janeiro, 1999.

LESSA, Sergio. TONET, Ivo. *Proletariado e sujeito revolucionário*. Instituto Lukács, São Paulo, 2012.

PAULO NETO, José; BRAZ, Marcelo. *Economia política: uma introdução crítica*. Cortez Editora, Coleção Biblioteca Básica de Serviço Social, Rio de Janeiro, 2010.

RIO, Cristiane Porfírio de Oliveira do. *O movimento operário e a educação dos trabalhadores na primeira república: a defesa do conhecimento contra as trevas da ignorância*. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

TONET, Ivo. *Desafios atuais para a classe trabalhadora*. Disponível no sítio eletrônico: [http://www.ivotonet.xpg.com.br/arquivos/desafios\\_atuais\\_para\\_a\\_classe\\_trabalhadora.pdf](http://www.ivotonet.xpg.com.br/arquivos/desafios_atuais_para_a_classe_trabalhadora.pdf)  
Acesso em 02 de julho de 2014.

TONET, Ivo. *O grande ausente*. Texto acessado em 10 de julho de 2014. Disponível no sítio eletrônico: [http://www.ivotonet.xpg.com.br/arquivos/O\\_grande\\_ausente.pdf](http://www.ivotonet.xpg.com.br/arquivos/O_grande_ausente.pdf)